

**O SAGRADO EM EVIDÊNCIA: OS VALORES TRADICIONAIS DA RELIGIÃO**

Estefani Gonzaga da Silva¹; Francisca Maria Neta²

¹Graduanda de Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual de Alagoas

(UNEAL)

Campus III – Palmeira dos Índios – AL

Membro do Grupo de Estudos sobre Patrimônio, Identidade e Memória (GEPIM)

e-mail: estefani-da-silva@hotmail.com

²Professora do Curso de História e coordenadora do Grupo de Estudo do Patrimônio, Imagem e Memória (GEPIM)

Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) - CAMPUS III. Palmeira dos Índios – AL

e-mail: francisca.neta@uneal.edu.br

**Resumo**

*Este artigo aborda brevemente sobre o processo histórico de formação e desenvolvimento do Candomblé voltado para o culto aos Orixás. Ampla em simbolismos e significados, a religião é constituída por categorias hierárquicas que viabiliza o bom funcionamento do terreiro e delimita os cargos e funções pertencentes e desenvolvidas por cada adepto. A pesquisa tem como intuito interpretar e compreender o sistema ritualístico no candomblé através da sua tradição que fundamenta seus rituais e descrever os conceitos significativos em relação a progressão hierárquica que é condicionada ao aprendizado e ao desempenho dos rituais. O sistema hierárquico e obrigatório ocorre em etapas através de um processo duradouro e complexo que consiste na transição de um grau religioso para o outro e ajuda na definição e construção da identidade dentro da comunidade candomblecista. Trata-se de um rito de passagem denominado de Feitura de Santo que permite aos adeptos adquirir um aprendizado parcial sobre as cantigas, as rezas, as oferendas, e posteriormente, com a transição de um grau religioso para o outro, um conhecimento aprofundando sobre os fundamentos que compõe a religião. Contudo, o objetivo é enfatizar a estruturação da hierarquização e cargos existentes na comunidade candomblecista analisada, especificamente, sobre os Ogâs e Equedes, que constituem o grupo dos não-rodantes. O artigo está ancorado nos pressupostos de GOIS (2013), PRANDI (2001), RODOLPHO (2004), KILEYU, OXAGUIÃ (2009), entre outros.*

**Palavras-chave:** candomblé. características. ritual deiniciação.

**Abstract**

This article briefly discusses the historical process of formation and development of Candomblé, oriented to the worship of Orixás. Broad in symbolism and meanings, religion is constituted by severe hierarchical categories that enables the proper functioning of the terreiro and delimits the positions and functions belonging and developed by each adept. The research aims to interpret and understand the system about its tradition that bases its rituals and describe the significant concepts in relation to the hierarchical progression that is conditioned to the learning and performance of the rituals. The hierarchical and obligatory system occurs in stages through a long-lasting and complex process that consists of the transition from one religious degree to the other and helps in the definition and construction of identity within the candomblecist community. It is a rite of passage called the Feitura de Santo that allows the adepts to acquire a partial learning about the songs, the prayers, the offerings, and later, with the transition from one religious degree to the other, a deepening knowledge about the foundations that make up religion. However, the objective is to emphasize the structuring of the hierarchy and positions existing in the Candomblé community analyzed, specifically, on the Ogâs and Equedes, that constitute the group of the non-rolling ones. The article is anchored in the assumptions of GOIS (2013), PRANDI (2001), RODOLPHO (2004), KILEYU, OXAGUIÃ (2009), among others.

**Key-words:** candomblé. characteristics. ritual of iniciation.

**Considerações iniciais**

O surgimento e a elaboração do Candomblé deram-se pelas condições sociais e religiosas que permeavam o território brasileiro. Os princípios e as práticas doutrinárias mantidas pela tradição oral foram se disseminando por diversas áreas do país, mesmo sobre a influência de outras religiões. E na interação com a cultura dos grupos dominantes, os negros assimilaram o cristianismo para conseguir manter as suas tradições de matriz africanas.

O processo histórico que originou as religiões afro-brasileiras ocorreu a partir das práticas dos africanos trazidos como escravos que foram se misturando com as práticas religiosas católicas e indígenas, possibilitando assim, o surgimento de um quadro religioso amplo e diversificado. Mas um dos fatores atribuídos ao desenvolvimento do Candomblé está também na necessidade dos grupos negros em reelaborar sua identidade social e religiosa como forma de adaptar-se as novas condições socioculturais para preservar e consequentemente difundir a religião de culto aos Orixás que durante o processo de desenvolvimento histórico teve suas raízes e culturas fragmentadas.

O termo Candomblé, utilizado para designar os grupos religiosos caracterizados por um sistema de crenças em divindades denominadas de Orixás, está relacionado à natureza. É considerada uma religião que apesar de incrustada no mundo moderno preserva seus fundamentos e tradições, apesar das dificuldades encontradas através dos preconceitos existentes e o não reconhecimento como uma religião. A difusão das práticas religiosas acarretou em uma miscigenação de religiosidade no território brasileiro, fazendo com que a sua estrutura fosse modificada em comparação ao território de origem. Entretanto, os adeptos tentam seguir ao máximo a religiosidade difundida pelo Candomblé, não fugindo do seu real significado, enfrentando barreiras impostas pela sociedade para continuar preservando suas práticas e costumes dentro da religião.

Para ser um candomblecista, é necessário enfrentar uma série de exigências que são impostas aos que querem fazer parte da religião. É um sistema que se caracteriza como um processo de obrigatoriedades e aprendizados em relação à religiosidade que está incumbida aos costumes dos adeptos da religião, que resultará no conhecimento necessário sobre a importância de certas práticas e exigências que o iniciado tem que se sujeitar para se tornar membro e, através do cumprimento de todas as exigências que são prescritas, percepção se permanecerá ou não, realidade do cumprimento ou não das exigências na comunidade candomblecista.

**1. A Religião dos Orixás: as características do Candomblé**

O Candomblé é uma religião de rituais originários da África, trazida pelos negros escravizados na época da colonização brasileira, baseada no culto de entidades divinizadas, denominadas Orixás[[1]](#footnote-1), a religião teve que passar por algumas modificações e influências para preservar e assim manter a essência de seus conceitos nos cultos e liturgias.

O candomblé é uma religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravizados, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar às novas condições ambientais. É a religião que tem como função primordial o culto às divindades - inquices, orixás ou voduns -, seres que são a força e o poder da natureza, sendo seus criadores e também seus administradores. (KILEYU; OXAGUIÃ, 2009, p.29. pdf)

Enquanto herança cultural, a religião é possuidora de muitos simbolismos e representações que viabiliza a compreensão e definição de aspectos, particularidades e conceitos que a constitui. O Candomblé difundiu-se dando espaço para o surgimento de outras interpretações etimológicas, existentes no âmbito social.

O Candomblé aproxima seus adeptos às entidades através de cânticos, de danças e de oferendas sacrificiais. Os Orixás estão presentes e atuam na vida de cada adepto em particular e comunidade religiosa como um todo. A palavra é uma designação exclusivamente brasileira, e os negros que foram escravizados e trazidos procuraram preservar em sua totalidade suas tradições recriando um ritual similar ao que realizavam no território africano.

Através da chegada dos povos oriundos do continente africano em terras brasileiras colonizadas pelos portugueses houve uma fusão de valores culturais e étnicos no território. A religiosidade afro, tirada a força de seus domínios territoriais, agregava as suas características ao Cristianismo que estava fortemente presente na população da época. Essa mistura entre as religiões e as etnias será primordial para formação do povo brasileiro e também por manifestar a sua tradição em novos lugares.

Por aversão dos portugueses a ‘estranha’ prática religiosa dos negros escravizados, retirados a força do seu território de origem para serem usados como mão-de-obra, o seu culto teve de ser adaptado de forma que tal prática passasse despercebida pelos portugueses, fazendo com que os negros cultuassem santos católicos como forma de ocultar o verdadeiro significado daquele culto formando assim um sincretismo religioso que fará com que as religiões de matriz africana criem raízes no Brasil e se difundam pelo território.

As religiões de matrizes africanas mais conhecidas que se desenvolveram no Brasil foram o Candomblé e a Umbanda. Por serem religiões com características semelhantes, muitas pessoas acreditam que as duas são uma só; entretanto, são diferentes. Mesmo sendo formalizado em outro continente, os adeptos do Candomblé tentam seguir ao máximo a religiosidade, as práticas, os valores africanos que fazem parte da religião. Já a Umbanda está mais associada ao Brasil. É uma religião que tem como princípios os mesmos princípios candomblecistas, porém de uma maneira particular, uma religião que se desenvolveu a partir de pressupostos brasileiros e modificada de acordo com a cultura da região onde se formou. Grande parte dos adeptos do Candomblé está concentrados na região Nordeste do Brasil. No estado da Bahia podemos encontrar um amplo número de adeptos da religião.

O termo Candomblé, abandonado nos modernos dicionários da língua e na vasta literatura etnográfica, é de uso corrente na área linguística da Bahia para designar os grupos religiosos caracterizados por um sistema de crenças em divindades chamadas de santos ou orixás e associadas ao fenômeno da possessão ou transe místico (LIMA, 1974. p.65)

É um dos estados onde a proliferação da religião ganhou mais força e que segue ao máximo os valores cultuados pelo Candomblé respeitando seus valores, crenças e práticas religiosas que compõem o culto religioso. Como o Brasil é um país de proporções continentais, a proliferação atingiu várias outras regiões, porém, encontramos na Bahia uma população, em relação aos adeptos, fortemente ligada ao culto dos orixás, preservando as características da religiosidade candomblecista.

A partir do século XVI até o século XIX, os africanos de diferentes grupos étnicos e culturais que foram capturados e trazidos para o Brasil como escravos, eles se reorganizaram, dando origem ao candomblé, esses grupos se concentraram em diversas áreas urbanas, onde conseguiram assimilar a língua local e consequentemente conservar e dar continuidade ao seu culto e costumes africanos.

O Candomblé possui um amplo e rico universo místico simbólico que compõe os cultos afro-brasileiros que são destinados aos orixás através das festividades, obrigações que ocorrem nos terreiros. Realizadas nesses espaços sagrados os rituais e cerimônias constituem os princípios e fundamentos da religião que é o resultado da preservação dos cultos aos orixás dos distintos povos africanos trazidos e escravizados no país.

**2. Categorias e hierarquia: aprendizado, saber e autoridade no âmbito religioso**

O Candomblé é uma religião composta por categorias hierárquicas que delimita e permite identificar os adeptos dos que não fazem parte do espaço religioso. A categorias existentes são as fases necessárias para se alcançar o grau religioso ou categoria mais elevada dentro da comunidade candomblecista. O caminho a ser percorrido pelo adepto o transfere para um nível hierárquico imediatamente superior. Esses níveis são dispostos da seguinte maneira respectivamente: Abiãs[[2]](#footnote-2), termo que significa “aquele que vai nascer”, na língua ioruba, Iaôs[[3]](#footnote-3), Ebômis[[4]](#footnote-4), Babalorixás[[5]](#footnote-5) e Ialorixás[[6]](#footnote-6).

É importante enfatizar que as classificações hierárquicas existentes no candomblé são constituídas pelos rodantes[[7]](#footnote-7) e não rodantes[[8]](#footnote-8). Compõe os grupos dos rodantes os Abiãs, Iaõs e Ebômis e para contrapor fazem parte do grupo dos não-rodantes respectivamente os Ogãs[[9]](#footnote-9) e as Equedes[[10]](#footnote-10). A hierarquização existente no âmbito religioso está baseada na senioridade e prepara pessoas para novas funções, estabelecendo posições de maior ou de menor responsabilidade, mas todos os cargos e postos ocupados são fundamentais para o desenvolvimento e funcionamento das casas de candomblé.

A hierarquia existente e as graduações são necessárias para delimitar e garantir que todas as etapas que marcam a transição de um grau religioso para outro sejam cumpridas cronologicamente. A transição de uma categoria religiosa corresponde o início de uma nova vida para os seus adeptos e a partir dessa sequência de etapas dispostas de maneira cronológica, pois existe a necessidade de ser respeitado o tempo para que sejam realizadas, é que os indivíduos se dedicarão e conhecerão os preceitos e dogmas que constituem o Candomblé.

A primeira etapa que corresponde a categoria dos rodantes são os denominados Abiãs que representa o começo, o início. É o primeiro momento do futuro Iaô, um período de teste e de adaptação. Essa etapa é necessária para a formação do pensamento e identidade dos adeptos que pretendem passar pelo processo de iniciação na religião. E também é o que vai permitir ao indivíduo decidir pela sua permanência ou por seu afastamento. Sendo o primeiro momento do futuro Iaô, é nessa etapa que ele vai se familiarizar com a comunidade candomblecista, entenderá o funcionamento do terreiro, além de conhecer o seu líder espiritual, ou seja, terá uma visão do espaço sagrado e conhecimento parcial e mútuo adquirido através das relações interpessoais no âmbito religioso.

Aprenderá as cantigas, as danças e alguns oriquís, receberá seus fios-de conta. Conhecerá utensílios, verá e provará uma culinária rica e colorida, recheada de cheiros, de sabores e de pequenos segredos. Aprenderá a respeitar dias e horários, conhecerá os interditos (ewós) e a hierarquia da religião. Entenderá porque o candomblé é uma das poucas religiões, nos dias atuais, em que ainda se encontra uma noção muito forte de obediência a direitos adquiridos através das graduações temporais. Enfim, já estará conquistando seu espaço na casa, e também dentro da religião. (KILEYU; OXAGUIÃ, 2009, p.76. pdf)

Nessa fase os Abiãs irão conhecer sobre os preceitos, obrigações e direitos que os ajudarão na decisão no momento da isenção no terreiro e se esse espaço corresponde aos seus interesses espirituais, afetivos e morais. Os Abiãs não participam de maneira ativa e profunda dos rituais, mas adquire um aprendizado moderado e posteriormente um conhecimento gradativo que se desenvolve com a transição de uma categoria para a outra.

O rito de passagem da categoria de Abiã para iaô também denominada de Feitura de Santo[[11]](#footnote-11) corresponde na esfera do sagrado o rito mais importante na vida de um adepto na comunidade candomblecista, pois significa uma nova etapa para o recém-iniciado na religião.

Se o candomblé não iniciar novos filhos, a religião acabará; novas gerações precisam surgir, fazendo uma renovação. E é o iaô que traz esta continuidade, este crescimento, e é quem garante o surgimento de novas casas, de novos Axés. Por isso voltamos a afirmar que o iaô é a peça fundamental e importante no ritual do candomblé, já que é ele que permite que se espalhe a religião dos orixás! (KILEYU; OXAGUIÃ, 2009, p.85. pdf)

Os Iaôs sendo os filhos-de-santo de um terreiro são fundamentais para a renovação e surgimento de novas casas de Candomblé. O aprendizado absorvido durante o processo de iniciação permite a esses recém-iniciados dar continuidade aos ensinamentos e manter o complexo sistema de hierarquia e assim estabelecer novas relações com a comunidade candomblecista.

Outro grau religioso essencial nessa trajetória de formação e construção de identidade no âmbito religioso é a transição dos Iaôs para os Ebômis, que são os irmãos mais velhos, responsáveis por ajudar os Abiãs e iaôs no processo de construção de conhecimentos através da transmissão de ensinamentos. Esse grau religioso só é atingido após a obrigação de sete anos de iniciação.

Quando se tornam ebômis, as pessoas passam a adquirir certos direitos, tendo, em contraponto, muito mais responsabilidades para com a sua casa. Tornam-se muitas vezes porta-vozes da comunidade junto às autoridades. Precisam assessorar bem o/a babalorixá/iy alorixá, levando a esteja os problemas diários, mas muitas vezes com soluções já definidas. Isto poupa situações estressantes a todos (KILEYU; OXAGUIÃ, 2009, p.73. pdf)

Os Ebômis têm acesso a todos os ambientes da casa além de algumas funções litúrgicas que possuem segredos, eles já passaram por todo o estágio de iaô, cumprindo em sua totalidade as exigências e obrigações necessárias para a construção e desenvolvimento de sua identidade no Candomblé. Os Ebômis devem se portar com autoridade, para transmitir aos Iaôs os ensinamentos fundamentais e também delimitar o comportamento de cada um dentro da hierarquia no Candomblé.

O ciclo de vida ritualística e física do adepto na religião se encerra quando este alcança o estágio máximo que compõe a hierarquia no âmbito religioso que é o de Babalorixá e Ialorixá. Estes sacerdotes e sacerdotisas tem a total responsabilidade sobre a vida religiosa dos adeptos e compõem uma posição que requer conhecimento, doutrina, discernimento, além de um comportamento exemplar para manter toda a estrutura física e religiosa do terreiro.

O percurso realizado pelos adeptos ocorre por meio de um processo longo e complexo que requer muita dedicação e comprometimento. As etapas que compõe e são fundamentais para alcançar o nível mais elevado dentro da religião tornam-se essas fases necessárias e importantes no processo de conservação da ancestralidade e transmissão de valores e conhecimentos.

**3. Ogãs e Equedes: a forte expressão da identidade no grupo religioso**

No Candomblé os cargos e funções são essenciais para preservar a rígida hierarquia no âmbito religioso sendo também importante para o bom funcionamento do espaço sagrado e realização interna e pública de cerimônias e ritos. As categorias existentes no Candomblé são primordiais para delimitar as funções dos adeptos que para estabelecer uma identidade na comunidade candomblecista precisam passar por um longo processo complexo constituído por etapas para se alcançar um alto nível de aprendizado, conhecimento e atingir a senioridade sacerdotal na hierarquia do terreiro.

A importância da identidade e hierarquia no grupo religioso é enfatizado pela necessidade e obrigatoriedade de se viver cada etapa do processo de iniciação denominado também de Feitura de Santo uma vez que o aprendizado se dá por meio da observação e repetição. “Mas, para além disso, o rito de iniciação é feito de uma série de ritos menores quase diários, para os quais são sempre necessárias folhas, comidas, banhos, cantos, danças, orações, numa série de atividades que envolvem toda a comunidade”. (SOUZA, 2007, p. 50). Nessa religião de tradição oral e segredo, o Ritual de Iniciação no Candomblé se completa após sete anos e o cumprimento das obrigações de um, três e a de sete anos, respectivamente é a parte em que o Iaô se torna um Ebômi e ocupa uma posição de respeito e senioridade na comunidade candomblecista. Essa inserção permite não apenas ao adepto fazer parte do grupo religioso e ter uma identidade mística própria, mas também uma ligação identitária cada vez mais forte e profunda com os Orixás.

É importante enfatizar que entre as categorias que compõem a rígida hierarquia religiosa estão as funções desempenhadas pelos Ogãs e Equedes que merecem e se destacam pela impossibilidade destes em não incorporar os Orixás.

A categoria sacerdotal dos não-rodantes tem um modo diverso de inserção. Os Ogãs e Equedes são escolhidos, o termo usado no candomblé é suspensos, pelos orixás em transe e enquanto não se iniciam são igualmente Abiãs, a despeito de estarem aprendendo com aqueles que exercem as mesmas funções o seu futuro papel no rito. Quando se iniciam são incluídos imediatamente na categoria de Ebômis, mas, diferente dos Ebômis rodantes, esses, com algumas famosas exceções, nunca poderão abrir seus próprios terreiros e, embora gozem de muito prestígio na comunidade, assumindo inclusive por vezes uma postura arrogante, estarão sempre submissos ao pai ou mãe-de-santo. (SOUZA, 2007, p.22)

As Equedes e os Ogãs compõem a categorias dos não-rodantes e quando confirmados passam a ocupar um alto cargo na hierarquia do terreiro. São atribuídos aos Ogãs, funções masculinas que consiste em tocar os atabaques, sacrificar os animais e realizar os despachos. Já o cuidado com as roupas e ferramentas dos Orixás são atribuições femininas destinadas apenas as Equedes.

Os Ogãs são as autoridades masculinas no Candomblé, posto abaixo do Babalorixá ou Ialorixá. Ocupa o cargo de iniciado não-rodantes e desempenham funções relevantes na comunidade no qual estão inseridos. Há inclusive uma categoria de Ogãs, cargo de homens não rodantes, chamada "Ogã de sala". Esses são em geral falantes e simpáticos, encarregados de literalmente "fazer sala" e cuidar da segurança. (SOUZA, 2007, p.138.) Eles são inseridos à religião através da confirmação do jogo de búzios, ou quando escolhidos por um Orixá. Sua preparação litúrgica possui semelhanças com as dos que compõem a categoria dos rodantes, sendo apenas menos complexa e com algumas variações.

Ocupam um papel religioso de suma importância. Entre suas funções e obrigações estão o cuidado com os instrumentos denominados de atabaques, que consiste no principal instrumento de comunicação do homem com os Orixás, pois o toque é que vai chamar as divindades ao espaço sagrado. Além de tocadores, eles são responsáveis por preservar o bom funcionamento das festas e realização dos sacrifícios rituais para as divindades. Os Ogãs são os auxiliares diretos que ocupam um cargo de confiança e respeito junto ao Babalorixá ou Ialorixá do terreiro.

Em uma casa de Candomblé, diferente dos homens, são atribuídas as mulheres, que não entram em transe, a responsabilidade pela vestimenta dos Orixás. Elas que são as responsáveis por criar as vestimentas e os acessórios sagrados. São as Equedes que zelam pelos Orixás. O termo Equede na língua iorubá significa “a segunda pessoa do Orixá” e elas são escolhidas para servirem essas divindades.

As equedes são tratadas com muita deferência por todos da comunidade. [...] Auxiliam também nas festividades, vestindo e ajudando a entender as necessidades das divindades. Precisam também estar à frente no cuidado geral de tudo que se relacionar com a divindade para a qual foi escolhida e entronizada, sendo, assim, a administradora dos pertences deste. (KILEYU; OXAGUIÃ,2009, p.70. pdf)

 A função das Equedes está voltada completamente ao cuidado com as divindades. Elas que são as damas de companhia e estão incluídas na alta hierarquia do terreiro, vestem e dançam com eles, além de provocar e interromper o transe através dos Adjás que são os instrumentos utilizados pelas Equedes e representam a maioridade ritual podendo ser tocados apenas pelas mesma ou por pessoas da alta hierarquia no terreiro. Esse instrumento tem como função conduzir o Orixá durante a dança.

As funções básicas consistem em vestir os Orixás, dançar com eles, cuidar e zelar por suas roupas e acessórios. É importante enfatizar que as Equedes passam por um processo de aprendizado, onde é indispensável que elas saibam vestir e também conheçam as peças que compõem a vestimenta ou traje de cada divindade. Tanto a confirmação das Equedes, quanto dos Ogãs ocorrem por meio de um rito de iniciação que é mais simplificado quando comparado com as categorias dos rodantes que possuem o dom da incorporação.

Portanto, as funções desempenhadas no terreiro pelos Ogãs e Equedes são fundamentais e importantes para o bom funcionamento e realização dos ritos, pois eles assumem e desempenham com responsabilidade o que lhe são atribuídos, além de serem responsáveis pela organização do espaço sagrado, esses cargos são conferidos pelo babalorixá e ialorixá ou melhor, escolhidos/confirmados por um Orixá patrono da casa o que garante a eles e permite ocuparem/assumirem cargos de extrema confiança e respeito na hierarquia religiosa.

**4. A Feitura de Santo e os encantos do Sagrado**

O termo ritual remete muitas vezes a algo formal e arcaico ligado a esfera religiosa, mas pode ser definido como um sistema cultural de comunicação simbólica pois é constituído por sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Sob a perspectiva histórica o Ritual de Iniciação no Candomblé ou Feitura de Santo representa o nascimento na religião. Simbolizam necessariamente uma iniciação, um ingresso ou inclusão no âmbito religioso.

É um rito de passagem, de transição de uma categoria para outra e que significa um nascer para a religião, considerado o rito mais importante da vida do candomblecista, pois é mais que um rito de transição, é um rito de formação que irá diferenciar o iniciado dentro da religião. É importante enfatizar que não existe um padrão determinado para a realização desse ritual, pois existe uma enorme variação das formas de se cultuar em cada terreiro[[12]](#footnote-12). O ritual de Iniciação corresponde ao longo e complexo processo de preparação psicológica e física para que o futuro iniciado possa receber o seus Orixás de forma íntegra.

O processo iniciático cumpre o papel central no relacionamento entre Orixá e iniciado. As organizações dos ritos para os cultos dos Orixás são complexas. Com todo um aprendizado que administra os padrões culturais de transe pelos quais os deuses se manifestam no corpo de seus iniciados durante as cerimônias para serem cultuados.

É importante enfatizar que para a realização do processo de iniciação o primeiro passo para se criar uma identidade na comunidade candomblecista é a descoberta de qual Orixá se é filho que é feita a partir da confirmação através do jogo de búzios. Posteriormente, a descoberta e tomada a decisão de se iniciar na religião, a pessoa se torna um Abiã. Outra medida a ser tomada antes de se iniciar é a de que categoria a pessoa pertencerá: a dos rodantes ou a dos não- rodantes, pois depende disso o ritual para iniciar o indivíduo. O ritual de iniciação é mais complexo para a categoria dos rodantes que necessita de um tempo para a purificação e preparação física e psicológica para receber os seus deuses. É a condição de rodante que permite ao futuro iniciado se tornar Babalorixá ou Ialorixá e abrir o seu próprio espaço sagrado, o terreiro.

O processo de iniciação dos Abiãs consiste num período de recolhimento em torno de vinte e um dias, com ligeira diferença de tempo para Ogãs e Equedes. O Iaô fica impedido de fazer inúmeras atividades para não desagradar a sua divindade. São prescritos: a abstinência sexual, regime alimentar apropriado, obrigatoriedade em dormir em esteira, de vestir-se de branco cobrindo a cabeça, impedimento de sentar em cadeira, etc. Nesse período, o Abiã passa por vários rituais que o preparam e o consagram para o Orixá que o protege. Ele é submetido a uma série de cerimônias e procedimentos ritualísticos através das obrigações que consiste nos sacrifícios, toques e oferendas.

Os iniciados precisam cumprir todas as etapas dos rituais de passagem de forma cronológica. As obrigações não podem ser dadas antes do prazo, pois existe a necessidade de ser respeitado o tempo para que sejam realizadas.

O recolhimento é um período que serve para que a pessoa seja testada em sua firmeza religiosa. É tempo de ver dentro de si mesmo, enquanto se prepara para ingressar em um novo mundo, em uma nova realidade. Período delicado, que produz algumas modificações no ritmo de vida do iaô, mas muito necessário para que a pessoa sintonize-se bem com seus orixás, conheça melhor seus novos parentes e também seu/sua sacerdote/sacerdotisa. (KILEYU; OXAGUIÃ. 2009, p.81. pdf)

É um período que a pessoa fica acomodada, reclusa em um quarto denominado de Camarinha, um local restrito e afastado do movimento público. No momento em que se recolhe, o Iaô desliga-se de todos os seus problemas e de toda e qualquer coisa que diga respeito às relações exteriores. Sua cabeça precisa estar voltada somente para as ligações espirituais, que ajudarão a produzir a transformação em sua vida. A este compartimento só tem acesso quem já foi iniciado. É um espaço que um não adepto pode ter acesso, pois é nele que a “pessoa nasce para o Santo”.

Nesse período de total reclusão o futuro Iaô terá acesso aos ensinamentos e aprenderá as regras, os dogmas, conhecerá a hierarquia e a diretriz da religião. Serão transmitidos os ensinamentos necessários para essa fase e para o seu futuro dentro da religião conhecerá muitas palavras da língua das divindades, para que possa participar cotidianamente da comunidade e também para crescer dentro da religião. Aprenderá as danças do seu orixá, e também as danças das demais divindades. Aprenderá também cantigas e rezas que são necessárias no seu cotidiano e também para agradar e chamar as divindades.

O Iaô passa por um complexo sistema rigoroso de aprendizado que lhe permite ter acesso aos fundamentos que o tornará forte espiritual e fisicamente. É o seu período de teste, em que também testarão se têm condições de seguir a fundo a religião dos Orixás que necessita de dedicação, amor e discernimento para permanecer dentro do terreiro que a sua divindade escolheu para “morar”.

**Considerações Finais**

O Candomblé é resultado do tráfico de escravos que foram trazidos para o Brasil. A religião precisou adaptar-se à novo modelos sociais para manter os preceitos e as tradições que são transmitidas oralmente. Corresponde a um amplo sistema religioso rico em rituais, onde o simbólico se impõe em todas as cerimônias e manifestações realizadas no culto religioso voltada para os Orixás.

O culto cumpre o papel central no estabelecimento da relação entre orixá e iniciado no processo denominada de Feitura de Santo, que representa para o futuro Iaô uma nova vida e a construção de uma nova personalidade dentro da comunidade candomblecista. As funções e cargos existentes em um terreiro é organizada de forma rigorosamente hierárquica que é determinada pelos diferentes graus de iniciação, bem como pelo tempo de presença nos cultos.

As classificações de cargos hierárquicos servem para delimitar o espaço sagrado e diferenciar os adeptos daqueles que não fazem parte da religião. Essa divisão permite separar as funções e ajuda no bom funcionamento do terreiro. É importante destacar que a transmissão da tradição dos conteúdos de fé e das práticas religiosas ocorrem durante o processo de iniciação no Candomblé que corresponde a um rito de passagem, uma transição de grau religioso para o outro que não só é importante para a manutenção do terreiro como para dar continuidade a religião.

Sob a perspectiva histórica, no processo de desenvolvimento da cultura brasileira, os cultos africanos passaram por transformações que marcaram e modificaram profundamente seu sistema religioso que resiste e persiste nesse processo contínuo de modificações causadas pelo longo período de lutas intermitentes para manter o amplo sistema de simbologia e significados que são marcadas pela doutrina e liturgia da religião dos Orixás.

**Referência Bibliográfica**

FONTES, Larissa Yelena Carvalho. **Feitura de santo:** um registro do secreto. 2012. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Integrada Tiradentes – Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Maceió, 2012.

diGOÍS, Aurino José. **As religiões de matrizes africanas**: O candomblé, seu espaço e sistema religioso. **HORIZONTE,** v. 11, nº 29, Belo Horizonte, 2013. p. 321-352.

KILEYU, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. **O candomblé bem explicado**: Nações Bantu, Iorubá e Fon. In: **O candomblé bem explicado**: Nações Bantu, Iorubá e Fon (org.) Marcelo Barros. Rio De Janeiro: Pallas, 2009.

LIMA, Vivaldo da Costa. **O Conceito de “Nação” nos Candomblés da Bahia**. Colóquio Negritude et Amérique Latine – **UNESCO.** Dacar, 1974.

Disponível em: <https://rigs.ufba.br/index.php/afroasia/article/viewFile/20774/13377>. Acesso em: 25/05/2018.

PRANDI, Reginaldo. **O Candomblé e o Tempo**: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, nº 47, 2001. Disponivel em: http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7719.pdf Acesso em: 20/05/2018.

RODOLPHO, Adriane Luisa. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação:** uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, v. 44, nº 2, São Leopoldo, 2004. p.138-146. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/560/518>. Acesso em 25/05/2018.

SOUZA, Patrícia Ricardo de. **Axós e Ilequês**: rito, mito e a estética do candomblé. Tese (pós-graduação em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 183.

1. Ancestrais divinos que se materializam em forças da natureza, mediando as relações entre o homem e os seres sobrenaturais. São deuses africanos que correspondem a pontos de força da natureza e os seus arquétipos estão relacionados às manifestações dessas forças. Cada Orixá tem ainda o seu sistema simbólico particular, composto de cores, comidas, cantigas, rezas, ambientes e espaços físicos. [↑](#footnote-ref-1)
2. Nome dado ao iniciado no Culto dos Orixás que ainda não recebeu qualquer tipo de obrigação [↑](#footnote-ref-2)
3. Iniciados na religião os filhos-de-santo [↑](#footnote-ref-3)
4. Designação dada aos irmãos mais velhos, categoria que é atingida após a obrigação de sete anos de iniciação [↑](#footnote-ref-4)
5. Pais-de-santo [↑](#footnote-ref-5)
6. Mães- de santo [↑](#footnote-ref-6)
7. Possuem o dom da incorporação [↑](#footnote-ref-7)
8. Não possuem o dom da incorporação [↑](#footnote-ref-8)
9. Homens que são responsáveis pelo sacrifício dos animais e também responsáveis por tocar os atabaques [↑](#footnote-ref-9)
10. Mulheres responsáveis pelas vestimentas dos Orixás e acompanhá-los nas danças. São as damas de companhia dos Orixás também responsáveis por provocar e interromper o transe. [↑](#footnote-ref-10)
11. O termo “ fazer o santo” significa se iniciar. Dá-se esse nome, porque ao se iniciar, o adepto deixa vir à tona o seu Orixá, que é especificamente seu, uma energia própria. O Orixá, na feitura, começa a ser doutrinado e apresentado aos rituais, por isso diz que está sendo “ feito”. [↑](#footnote-ref-11)
12. Local destinado à celebração de cultos afro-brasileiros. [↑](#footnote-ref-12)